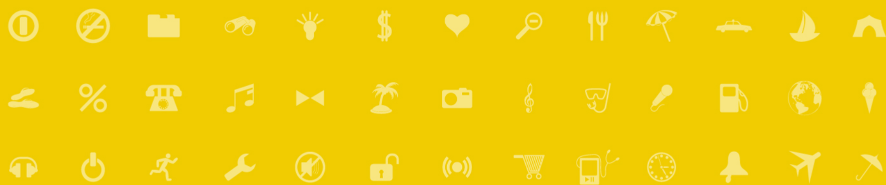
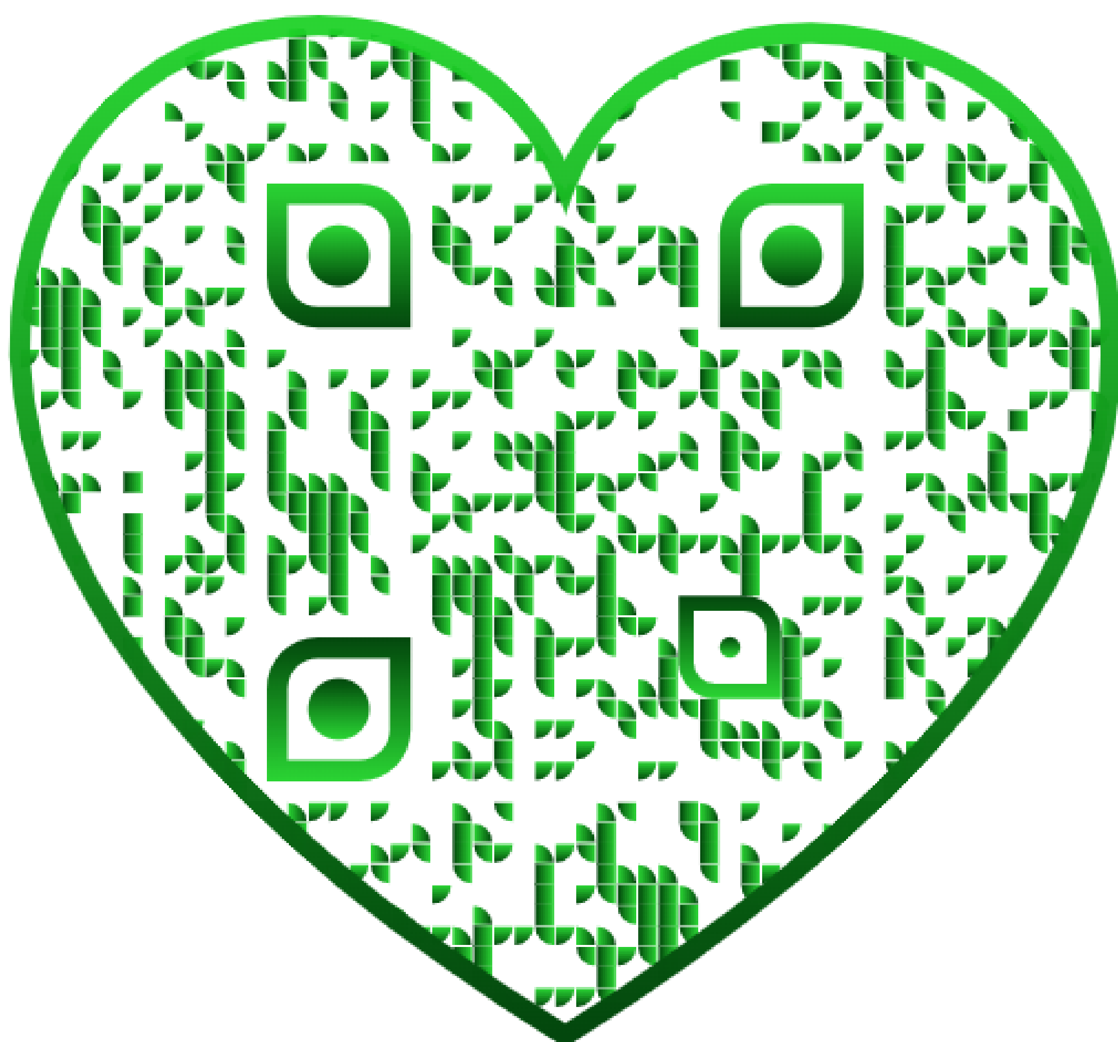
MAX LUCADO



DEUS ESTÁ COM VOCÊ



ESPERANÇA E ENCORAJAMENTO PARA O SEU DIA A DIA



Jesus

Salvador Leal

Quer saber qual é a coisa mais bacana em relação à vinda de Cristo?

Não é o fato de que aquele que brincou de bolinha de gude com estrelas tenha aberto mão disso para jogar bolinha de gude com bolinhas de gude. Ou que aquele que colocou as galáxias no céu tenha aberto mão disso para colocar umbrais de portas para o cliente mal-humorado que queria tudo para ontem mas que só podia pagar alguma coisa amanhã.

Também não é o fato de que ele, num instante, tenha deixado de uma posição em que não tinha nenhuma necessidade para uma na qual tinha necessidade de ar, comida, banho quente e sais para seus pés cansados e, mais que qualquer coisa, necessidade de alguém — qualquer um — que estivesse mais preocupado com o lugar onde passaria a eternidade do que com o uso que faria do salário do mês.

Ou de ter resistido ao impulso de fritar os autoproclamados guardiões baratos da santidade, que ousaram sugerir que ele estava fazendo a obra do diabo.

Também não é o fato de ele ter ficado calmo enquanto seus doze melhores amigos tenham notado o calor e fugido da cozinha. Ou de não ter dado ordem aos anjos, que imploravam: “Apenas um aceno, Senhor. Uma palavra e esses demônios serão transformados em ovos mexidos”.

Não é o fato de ele ter se recusado a se defender quando levou a culpa por todo pecado de toda prostituta e de todo marinheiro desde Adão. Ou de ter ficado em silêncio enquanto um milhão de veredictos "culpado" ecoavam no tribunal do céu, e o doador da luz era deixado no frio da noite de um pecador.

Nem mesmo o fato de que, depois de três dias num buraco escuro, ele tenha saído para o amanhecer da Páscoa com um sorriso, uma postura e uma pergunta para um Lúcifer humilhado: "Esse é o seu melhor golpe?".

Isso foi bacana, muito bacana.

Mas quer saber qual foi a coisa mais bacana realizada por aquele que abriu mão da coroa do céu em troca de uma coroa de espinhos?

É que ele fez isso por você. Só por você.

Ele escolheu os cravos



O barulho e a agitação começaram mais cedo que de costume naquela vila. Assim que a noite deu lugar à manhã, as pessoas já estavam nas ruas. Vendedores se posicionaram nas esquinas das avenidas mais movimentadas. Os comerciantes abriram as portas das lojas. Crianças acordaram com o latido animado dos cachorros de rua e a queixa dos jumentos puxando carroças.

O dono da hospedaria acordou antes que a maioria das pessoas da cidade. Afinal de contas, a hospedaria estava cheia, todas as camas ocupadas. Toda esteira e coberta disponível foram postas em uso. Em pouco tempo todos os hóspedes estariam circulando e haveria muito trabalho a fazer.

A imaginação de qualquer pessoa se atiça ao pensar na conversa que o dono da hospedaria teve com sua família à mesa do café. Alguém mencionou a chegada do jovem casal na noite anterior? Alguém perguntou como estavam? Alguém comentou

sobre a gravidez da moça que veio montada num jumento? Talvez. Talvez alguém tenha levantado o assunto. Na melhor das hipóteses, porém, se a questão foi levantada, não chegou a ser discutida. Não havia nada de extraordinário neles. Foram provavelmente apenas mais uma das muitas famílias rejeitadas naquela noite.

Além do mais, quem tinha tempo para conversar sobre eles diante de tamanha agitação no ar? Augusto fez um enorme favor à economia de Belém quando decretou a realização de um censo. Quem poderia se lembrar daquilo numa hora de tanto movimento no vilarejo?

Não, é muito difícil que alguém tenha mencionado a chegada do casal ou se preocupado com a condição da moça. Estavam ocupados demais. O dia seria cheio. Tinham de ganhar o pão do dia. As tarefas da manhã precisavam ser realizadas. Havia coisas demais a fazer para imaginar que o impossível havia acontecido.

Deus viera ao mundo como um bebê.

Todavia, se alguém tivesse a oportunidade de ver o estábulo de ovelhas na periferia de Belém naquela manhã, que cena única teria contemplado.

Havia coisas demais a fazer para imaginar que o impossível havia acontecido. Deus viera ao mundo como um bebê.

O estábulo tem o cheiro de qualquer outro estábulo. O cheiro forte de urina, esterco e ovelhas impregna o ar de forma pungente. O chão é duro, a palha é escassa. Teias de aranha estão penduradas no teto e um rato corre pelo chão sujo.

Não poderia haver lugar mais modesto para nascer.

Do lado de fora há um grupo de pastores. Estão sentados no chão, em silêncio; talvez perplexos, talvez com medo, certamente maravilhados. Sua vigília noturna fora interrompida por uma explosão de luz vinda do céu e uma sinfonia de anjos. Deus vai até aqueles que têm tempo de ouvi-lo — assim, naquela noite sem nuvens, ele foi até simples pastores de ovelhas.

Ao lado da jovem mãe está o pai esgotado. Se há alguém sonolento ali, é ele. Não se lembra da última vez que se sentou. Agora que aquela agitação havia diminuído um pouco, agora que Maria e o bebê estavam confortáveis, ele se encosta na parede do estábulo e sente os olhos pesarem. Ele ainda não entendeu tudo. O mistério do evento o confunde. Mas está sem forças para lidar com aquelas questões. O importante é que o bebê está bem e que Maria está segura. Conforme o sono chega, ele se lembra do nome que o anjo pediu que ele usasse... Jesus. “O nome dele será Jesus.”

Maria, porém, está bem acordada. Puxa, como ela é jovem! A cabeça repousa sobre o couro macio da sela de José. A dor foi suplantada pela admiração. Ela examina a face do bebê. Seu filho. Seu Senhor. Sua Majestade. Nesse ponto da história, o ser humano que melhor compreende quem Deus é e o que está fazendo é a adolescente deitada naquele estábulo malcheiroso. Ela não consegue tirar os olhos dele. De alguma forma, Maria sabe que está segurando Deus. “Então este é ele.” Ela se lembra das palavras do anjo: “Seu Reino jamais terá fim” (Lc 1.33).

Ele parece qualquer coisa, menos um rei. Seu rosto está amassado e vermelho. Seu choro, embora forte e saudável, ainda é o indefeso e comovente choro de um bebê. Seu bem-estar depende totalmente de Maria.

Majestade em meio ao simples. Santidade na sujeira do esterco e no cheiro das ovelhas. A divindade entrando no mundo no chão de um estábulo, através do ventre de uma adolescente e na presença de um carpinteiro.

Ela toca a face do Deus-bebê. “Como sua jornada foi longa!”

> Ele parece qualquer coisa, menos um rei.
> Seu rosto está amassado e vermelho. Seu choro,
> embora forte e saudável, ainda é o indefeso
> e comovente choro de um bebê.

Aquele bebê contemplara todo o universo. Os panos que o mantinham aquecido eram as vestes da eternidade. A sala do trono dourado fora abandonada por um sujo redil de ovelhas. E anjos adoradores foram substituídos por pastores bondosos, mas confusos.

Enquanto isso, a cidade murmura. Os comerciantes ignoram que Deus visitou seu planeta. O dono da hospedagem jamais acreditaria ter mandado Deus para o frio. E o povo zombaria de qualquer um que lhe dissesse que o Messias dorme nos braços de uma adolescente na periferia da cidade. Todos estavam ocupados demais para considerar essa possibilidade.

Aqueles que perderam a chegada de Sua Majestade naquela noite perderam-na não por conta dos atos malignos ou da malícia; não, perderam porque simplesmente não estavam olhando.

Pouca coisa mudou nos últimos dois mil anos, não é?

Deus chegou mais perto



O que você faz com um homem que afirma ser Deus, mas odeia religião? O que você faz com um homem que chama a si mesmo de Salvador, mas condena os sistemas? O que você faz com um homem que sabe o lugar e a hora de sua morte, mas vai para lá mesmo assim?

A pergunta de Pilatos é sua também. “Que farei então com Jesus?” (Mt 27.22).

Você tem duas opções.

Você pode rejeitá-lo. Essa é uma opção. Como muitas pessoas, você pode decidir que a ideia de Deus se tornar um carpinteiro é bizarra demais e simplesmente se afastar.

Ou você pode aceitá-lo. Você pode seguir na jornada com ele. Você pode ouvir sua voz no meio de centenas de outras e segui-lo.

QUANDO OS ANJOS SILENCIARAM



VINTE E CINCO PERGUNTAS PARA MARIA

1. Como era vê-lo orar?
2. Como ele reagia ao ver outras crianças rindo durante o culto na sinagoga?
3. Ele mencionou um dilúvio em alguma das vezes em que viu um arco-íris?
4. Você se sentiu estranha ao ensinar-lhe como ele havia criado o mundo?
5. Ele reagiu de modo estranho quando viu um cordeiro sendo levado para o matadouro?
6. Você o viu com um olhar distante no rosto, como se estivesse ouvindo alguém que você não podia ouvir?
7. Como ele se comportava nos funerais?
8. Alguma vez lhe passou pela cabeça a ideia de que o Deus a quem você estava orando dormia debaixo de seu próprio teto?
9. Você tentou contar as estrelas com ele... e conseguiu?
10. Alguma vez ele veio para casa com um olho roxo?
11. Como ele agiu quando cortou o cabelo pela primeira vez?
12. Ele tinha algum amigo chamado Judas?
13. Ele ia bem na escola?
14. Você o repreendeu alguma vez?

15. Alguma vez ele perguntou algo sobre as Escrituras?
16. O que você acha que ele pensava quando via uma prostituta oferecendo pela melhor oferta o corpo que ele havia criado?
17. Alguma vez ele ficou irritado com alguém que foi desonesto com ele?
18. Você o pegou pensativo, olhando para a carne de seu próprio braço enquanto segurava um torrão de terra?
19. Alguma vez ele acordou com medo?
20. Quem era o melhor amigo dele?
21. Como ele reagia quando alguém se referia a Satanás?
22. Você o chamou acidentalmente de Pai?
23. Sobre o que ele e seu primo João conversavam quando eram crianças?
24. Os outros irmãos e irmãs dele entendiam o que estava acontecendo?
25. Alguma vez você pensou: "Deus está comendo a sopa que eu fiz"?

Deus chegou mais perto



Tenho uma ilustração na qual Jesus está rindo. Ela está pendurada na parede em frente à minha escrivaninha. É um desenho muito bom. A cabeça para trás. A boca aberta. Os olhos animados. Ele não está apenas sorrindo. Não está apenas rindo. Ele está gargalhando. Ele não ouvia uma como aquela já fazia algum tempo. Ele tem dificuldade para recuperar o fôlego.

Recebi a gravura de um sacerdote episcopal que carrega charutos no bolso e coleciona retratos de Jesus sorrindo. "Dou os retratos a qualquer um que possa estar inclinado a levar Deus a sério demais", explicou ele, enquanto me dava o presente.

Ele acertou em cheio.

Não sou uma pessoa que tem facilidade para imaginar um Deus sorridente. Um Deus choroso, sim. Um Deus irado, tudo bem. Um Deus poderoso, pode apostar. Mas um Deus sorridente? Parece muito, muito, muito improvável que Deus faça isso — ou que seja assim. O que simplesmente mostra quanto conheço — ou não conheço — sobre Deus.

O que acho que ele estava fazendo quando esticou o pescoço da girafa? Um exercício de engenharia? O que penso que ele tinha em mente quando disse ao avestruz onde colocar a cabeça? Estudo das cavernas? O que imagino que ele estava fazendo quando planejou o grito de acasalamento de um macaco? Ou as oito pernas de um polvo? E como imagino a cara que ele fez quando viu o primeiro olhar de Adão para Eva? Que ele deu um bocejo?

Dificilmente.

À medida que minha visão melhora, e sou capaz de ler sem meus óculos manchados, vejo que o senso de humor talvez seja a única maneira de Deus ter nos tolerado por tanto tempo.

> Você realmente consegue imaginar Jesus com uma face melancólica enquanto brinca com as crianças no colo?

É ele com um sorriso enquanto Moisés dá uma segunda olhada na sarça ardente que fala?

Ele está sorrindo mais uma vez quando Jonas chega à praia, pingando suco gástrico e cheirando a bafo de baleia?

Ele pisca o olho enquanto vê os discípulos alimentarem milhares apenas com o lanche de um menino?

Você acha que a face dele não tem expressão quando ele fala sobre o homem com uma trave no olho que aponta para o cisco no olho de seu amigo?

Você realmente consegue imaginar Jesus com uma face melancólica enquanto brinca com as crianças no colo?

Não, eu acho que Jesus sorria. Acho que ele riu um pouco das pessoas e muito com elas.

Um dia na vida de Jesus



Jesus poderia ter sido um “Zé”. Se Jesus viesse hoje, seu nome poderia ser João, José ou Antônio. Se estivesse aqui hoje, dificilmente ele se distanciaria usando um nome pomposo como Reverendo Santidade Divina Angelical III. Não, quando Deus escolheu o nome que seu filho iria carregar, optou por um nome humano (Mt 1.21).

Ele escolheu um nome tão comum que poderia aparecer duas ou três vezes em qualquer lista de chamada escolar.

Em outras palavras, “aquele que é a Palavra tornou-se carne”, disse João (Jo 1.14).

Ele era tocável, acessível, alcançável. E, além disso, era comum. Se estivesse aqui hoje, você provavelmente não o notaria enquanto ele caminhasse por um *shopping center*. Ele não atrairia olhares por conta das roupas que usava ou das joias que exibia.

“Pode me chamar de Jesus”, é quase possível escutá-lo dizer.

Ele era o tipo de pessoa que você convidaria para assistir ao clássico do domingo na sua casa. Ele rolaria no chão com seus filhos, tiraria uma soneca no seu sofá e prepararia uma picanha na sua churrasqueira. Ele riria das suas piadas e contaria algumas também. Quando você falasse, ele escutaria como se tivesse todo o tempo da eternidade.

> Ele era tocável, acessível, alcançável. {...}
> “Pode me chamar de Jesus”, é quase possível escutá-lo dizer.

E uma coisa é certa: você o convidaria de novo.

Vale a pena notar que aqueles que o conheciam melhor se lembravam dele como Jesus. Os títulos Jesus Cristo e Senhor Jesus aparecem apenas seis vezes. Aqueles que caminharam com ele se lembravam dele não por um título ou uma designação, mas por um nome: Jesus.

Pense nas implicações disso. Qual foi o meio usado por Deus quando decidiu revelar a si mesmo à humanidade? Um livro? Não, isso foi secundário. Uma igreja? Não, isso foi consequência. Um código moral? Não; limitar a revelação de Deus a uma fria lista de pode ou não pode é tão trágico quanto olhar para um mapa do Amazonas e dizer que você viu a floresta.

Quando decidiu revelar a si mesmo, Deus o fez (surpresa de todas as surpresas) através de um corpo humano. A língua que chamou o morto era uma língua humana. A mão que tocou o leproso tinha sujeira debaixo das unhas. Os pés sobre os quais a mulher chorou eram calejados e poeirentos. E suas lágrimas... ah, não se esqueça das lágrimas... Elas vieram de um coração tão partido quanto o seu ou o meu já estiveram.

“Pois não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas” (Hb 4.15).

> E suas lágrimas... ah, não se esqueça das lágrimas... Elas vieram de um coração tão partido quanto o seu ou o meu já estiveram.

Por isso, as pessoas iam até ele. Puxa, como elas iam até ele! Chegavam à noite; tocavam nele quando ele passava pela rua; seguiam-no em volta do mar; convidavam-no a ir à casa delas e colocavam os filhos aos pés dele. Por quê? Porque ele se recusou a ser uma estátua numa catedral ou um sacerdote num púlpito elevado. Em vez disso, ele escolheu ser Jesus.

Não existe nenhuma indicação de alguém que tenha ficado com medo de se aproximar dele. Houve aqueles que zombaram dele. Houve aqueles que tiveram inveja dele. Houve aqueles que o interpretaram mal. Houve aqueles que o respeitaram. Mas não houve nenhuma pessoa que o considerasse santo demais, divino demais ou celestial demais para ser tocado. *Não houve ninguém que tenha relutado a se aproximar dele com medo de ser rejeitado*.

Lembre-se disso.

Lembre-se disso da próxima vez que você se surpreender diante de seus próprios erros.

Ou da próxima vez que acusações ácidas abrirem buracos em sua alma.

Ou da próxima vez que você vir uma catedral fria ou ouvir uma liturgia sem vida.

Lembre-se. É o homem quem cria a distância. É Jesus quem constrói a ponte.

"Pode me chamar de Jesus."

DEUS CHEGOU MAIS PERTO



Jesus afirma ser não um grande teólogo, um teólogo *completo* ou mesmo o *Supremo* Teólogo, mas, em vez disso, o *Único* Teólogo. "Ninguém conhece realmente o Pai, a não ser o Filho" (Lc 10.22, NBV). Ele não diz "ninguém conhece realmente o Pai

como o Filho" ou "*do jeito* que o Filho conhece". Em vez disso, ele diz: "Ninguém conhece realmente o Pai, a não ser o Filho".

3:16 — A mensagem de Deus para a vida eterna



Jesus não foi um homem semelhante a Deus, nem um Deus semelhante a um homem. Ele foi o Deus-homem.

Trazido à luz com a ajuda de um carpinteiro.

Banhado por uma camponesa.

Criador do mundo com cicatriz umbilical.

Autor da Torá que teve de aprender a Torá.

O humano do céu. E porque ele o foi, às vezes coçamos a cabeça, piscamos os olhos e ficamos olhando sem entender. Momentos como:

Bordeaux em vez de H_2O.

Um aleijado que patrocina a dança da cidade.

Um lanche individual que satisfaz cinco mil barrigas.

E, acima de tudo, uma sepultura: guardada por soldados, selada por uma pedra, mas ainda assim abandonada por um homem morto havia três dias.

O que fazemos com esses momentos?

O que fazemos com tal *pessoa*? Aplaudimos os homens por fazerem coisas boas. Glorificamos a Deus por fazer grandes coisas. Mas e quando um homem faz as coisas de Deus?

Uma coisa é certa: não podemos ignorá-lo.

Por que faríamos algo assim? Se esses momentos são factuais, se a declaração de Cristo é verdadeira, então ele foi, ao mesmo tempo, homem e Deus.

Lá estava ele, a pessoa mais importante que já viveu. Esqueça o Craque do Ano; ele é a confederação inteira. O líder do desfile? Dificilmente. A rua é dele e não tem pra ninguém. Quem chega perto? O melhor e o mais brilhante da humani-

dade perde todo brilho, parecendo rubis de uma loja de quinquilharias quando se colocam ao lado dele.

Desprezá-lo? Não podemos.

Resistir a ele? Igualmente difícil. Não precisamos de um Salvador Deus-homem? Um Jesus Deus-justo poderia nos criar, mas não nos entender. Um Jesus homem-justo poderia nos amar, mas nunca nos salvar. Mas e um Jesus Deus-homem? Perto o suficiente para ser tocado. Forte o suficiente para se confiar nele. Um Salvador que mora ao lado.

Um Salvador considerado irresistível por milhões. Nada se compara ao "ganho inestimável de conhecer a Cristo Jesus, meu Senhor" (Fp 3.8, NBV). O prêmio do cristianismo é Cristo.

Você viaja até um ponto turístico famoso apenas para comprar a camiseta de lembrança ou a peça de artesanato local? Não. A recompensa do ponto turístico é o ponto turístico. A percepção surpreendente de que você faz parte de algo antigo, esplêndido, poderoso e maior que você.

Mas Cristo é a fortaleza inexpugnável da fé.
Ter comunhão com ele. Caminhar com ele.
Meditar nele. Explorá-lo.

O prêmio do cristianismo é Cristo. Não dinheiro no banco, não um carro na garagem, não um corpo sadio ou uma autoimagem melhor. Esses talvez sejam resultados secundários ou terciários. Mas Cristo é a fortaleza inexpugnável da fé. Ter comunhão com ele. Caminhar com ele. Meditar nele. Explorá-lo. A percepção de tirar o fôlego de que nele você é parte de algo antigo, infindável, impossível de ser parado e insondável. E de que ele, que pode escavar o Grand Canyon com o dedo mínimo, acredita

que você é digno da morte dele numa cruz romana. Cristo é a recompensa do cristianismo. Por qual outra razão Paulo faria dele seu desejo supremo? "Quero conhecer Cristo" (Fp 3.10).

Você deseja o mesmo? Minha ideia é simples. Vamos contemplar alguns lugares pelos quais ele passou e algumas pessoas a quem ele tocou. Junte-se a mim numa busca por essa característica de ser homem e Deus. Você poderá se surpreender.

O mais importante é que você pode ser transformado. "E todos nós, que com a face descoberta contemplamos a glória do Senhor, segundo a sua imagem estamos sendo transformados com glória cada vez maior, a qual vem do Senhor, que é o Espírito" (2Co 3.18).

Ao contemplá-lo, nós nos tornamos como ele.

O SALVADOR MORA AO LADO



Amado tem o sentido de "inestimável" e "singular". Não há outro como Cristo. Moisés. Elias. Pedro. Zoroastro, Buda ou Maomé. Ninguém no céu ou na terra. Jesus, declarou o Pai, não é "um filho" e nem mesmo "o melhor de todos os filhos". Ele é o "Filho amado".

SEM MEDO DE VIVER



No mesmo instante em que sua divindade se tornava inalcançável, bem na hora em que sua santidade se tornava intocável e assim que sua perfeição se tornava inimitável, o telefone toca e uma voz sussurra: "Ele era humano. Não se esqueça. Ele tinha carne".

Na hora certa somos lembrados de que aquele a quem oramos entende nossos sentimentos. Ele conhece a tentação. Ele

se sentiu desanimado. Ele teve fome, sentiu sono e se cansou. Ele sabe como nos sentimos quando o despertador toca. Ele sabe como nos sentimos quando nossos filhos querem coisas diferentes ao mesmo tempo. Ele balança a cabeça, compreensivo, quando oramos irados. Ele se compadece quando lhe dizemos que há mais coisas para fazer do que jamais poderá ser feito. Ele sorri quando confessamos nosso cansaço.

Mas somos gratos a João por optar incluir o versículo 28 no capítulo 19 de seu evangelho. Lemos simplesmente isto: “Tenho sede”.

Não era o *Cristo* que estava com sede. Era o carpinteiro. E aquelas são palavras de humanidade no meio da divindade.

Essa frase bagunça o esboço do seu sermão. As outras seis declarações estão mais “de acordo”. São clamores pelos quais poderíamos esperar: o perdão aos pecadores, a promessa do paraíso, o cuidado de sua mãe, até mesmo apelar a Deus dizendo: “Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?” é uma coisa poderosa (Mt 27.46).

Mas “tenho sede”?

Bem na hora em que havíamos entendido tudo. Bem na hora em que a cruz estava embalada e definida. Bem na hora em que o manuscrito estava concluído. Bem na hora em que havíamos inventado todas aquelas bonitas e claras palavras terminadas em “ação”, como santificação, justificação, propiciação e purificação. Bem na hora em que colocamos nossa grande cruz dourada sobre nossa grande torre dourada, ele nos lembra que “a Palavra tornou-se carne” (Jo 1.14).

Ele quer que nos lembremos de que ele também era humano. Ele quer que saibamos que ele também conheceu o zumbido do enfado e o cansaço que surge com os dias longos. Ele quer que nos lembremos de que nosso desbravador não usava colete à prova de balas, nem luvas de borracha, nem uma armadura

impenetrável. Não, ele abriu o caminho da nossa salvação por entre o mundo que você e eu enfrentamos diariamente.

> Não, ele abriu o caminho da nossa salvação por entre o mundo que você e eu enfrentamos diariamente.

Ele é o Rei dos reis, o Senhor dos senhores, e a Palavra da vida. Mais do que nunca, ele é a Estrela da manhã, a poderosa salvação e o Príncipe da paz.

Mas há momentos em que somos restaurados ao nos lembrar de que Deus se fez carne e habitou entre nós. Nosso Mestre soube o que significava ser um carpinteiro crucificado que teve sede.

SEU NOME É SALVADOR



Quanto mais vivemos em Cristo, maior ele se torna em nós. Não é que ele mude, mas nós é que mudamos; passamos a ver mais dele. Percebemos dimensões, aspectos e características que nunca vimos antes; crescentes e surpreendentes acréscimos de pureza, poder e singularidade. Descartamos *boxes* e velhas imagens de Cristo como roupa usada. Não ousamos vincular Jesus a esse ou aquele partido político. Certeza arrogante se torna curiosidade humilde. Definir Jesus com uma doutrina ou confiná-lo a uma opinião? De jeito nenhum. Será mais fácil prender o Caribe numa rede de borboletas do que prender Cristo num *box*.

No final das contas, reagimos como os apóstolos. Também curvamos a face e adoramos.

SEM MEDO DE VIVER



Deus é louco por você, sabia disso? Você não é um acidente de percurso. Você foi planejado com muito cuidado e amor, nos mínimos detalhes. Você é uma obra de arte divina, assinada por Deus. O amor dele por você é tão grande que foi capaz de levar Jesus à cruz para morrer em seu lugar.

Muitas vezes, especialmente nos momentos mais difíceis da vida – quando surge uma doença, acontece um acidente, perde-se o emprego, a vida financeira vira um caos, alguém querido morre – é muito difícil perceber o cuidado de Deus conosco. Mas é essa esperança que Max Lucado quer reacender em seu coração com as mensagens deste livro.

Deus está com você em qualquer lugar, em todos os momentos, sob quaisquer circunstâncias. Ele jamais abandona você. Permita-se sentir o toque, o carinho de Deus por você através das doces e sábias palavras de Max Lucado.



Max Lucado tem um recado para você. Leia este código com o seu smartphone.

MC
mundocristão


ISBN 978-85-7325-817-2
9 788573 258127

Inspiração